

Artigos



MARQUES, Octo. Sem título. 1981. Técnica: Óleo sobre tela, 34x54cm. Acervo: Liliane de Sá Feitosa

MARCAS, PERFORMANCES E VIVÊNCIAS AFRO-BRASILEIRA NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, NO TOCANTINS

Noeci Carvalho Messias

Doutora em História, professora na Universidade Federal do Tocantins
(UFT). E-mail: noeci@uft.edu.br



Religiosidades.
Taieiras. Festa de
Nossa Senhora do
Rosário..

Resumo O objetivo deste trabalho é mostrar as marcas performáticas e as vivências afro-brasileiras presentes na Festa de Nossa Senhora do Rosário realizada anualmente na cidade de Monte do Carmo, no estado do Tocantins. Para tanto, o trabalho foca o olhar sobre o ritual das taieiras, representadas por um grupo de lindas mulheres negras, que usam turbantes na cabeça, trajam-se com saias rodadas e coloridas e desfilam cantando e dançando pelas ruas desta cidade durante o cortejo da Rainha e do Rei de Nossa Senhora do Rosário. As narrativas dos participantes da festa, obtidas durante a pesquisa de campo realizada em 2010 para o desenvolvimento da tese de doutorado (MESSIAS, 2010), desvelam que tais práticas culturais configuram-se em uma expressão de devoção e sociabilidades, possuindo intenso significado nas religiosidades populares, no estado do Tocantins.

MARKS, PERFORMANCES AND AFRO-BRAZILIAN EXPERIENCES IN THE *NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO* CELEBRATION, AT TOCANTINS

Religiousness.
Taieiras.
Celebration of
Nossa Senhora do
Rosário.

Abstract: The objective of this work is to show the performing brands and afro-brazilian experiences in the Celebration of Nossa Senhora do Rosário realized annually in the city of Monte do Carmo, in the state of Tocantins. Therefore, the work focuses the gaze on the ritual of taieiras, represented by a group of beautiful black women, who wears turbans on their head, with colorful skirts and who parade singing and dancing through the streets of this city during the procession of the Queen and King of Celebration of the Nossa Senhora do Rosário. The narratives of the partygoers, obtained during the field search held in 2010 for the development of the doctoral thesis (MESSIAS, 2010) unveil such cultural practices configured in an expression of devotion and sociability having intense meaning in popular religiousness, in the state of Tocantins.



Envio: 23/07/2017 ◆ Aceite: 18/10/2017

Introdução

As festividades populares exalam identidades e religiosidades distintas em muitas regiões do território brasileiro. No intento de ilustrar um desses momentos ímpares de cultura popular, este texto visa mostrar as marcas performáticas e as vivências afro-brasileiras presentes na Festa de Nossa Senhora do Rosário realizada anualmente na cidade de Monte do Carmo, no estado do Tocantins. Para tanto, foco o meu olhar sobre o ritual das taieiras.

Durante tal festividade, uma variedade de rituais, brincadeiras, danças e cantorias são representados no espaço urbano da cidade. No contexto dessas cerimônias, destaca-se o ritual das taieiras que, repletos de sentidos e devoção, favorecem à população construir e reconstruir laços, estabelecendo diversificadas formas de sociabilidades.

As taieiras compreendem um grupo de lindas mulheres, predominantemente de cor negra, que acompanham o cortejo da Rainha e do Rei de Nossa Senhora do Rosário, proporcionando graça, animação e um colorido especial. Percorrem as principais ruas da cidade em direção à igreja, sempre dançando e cantando. Essas mulheres usam saias rodadas e coloridas, bem como, colares e pulseiras de várias cores e na cabeça um turbante colorido. Além das taieiras e muitas pessoas que participam, o cortejo é também seguido por congos e tocadores de tambor. Assim, ao longo do trajeto, os dois grupos de congos e taieiras desfilam em pares e em filas, cantando versos que se repetem ao som dos tambores e dançando ritmadamente; com evoluções das filas e passos laterais, as taieiras manifestam a sua fé e devoção a Nossa Senhora do Rosário.

O ritual das taieiras pode ser pensado como uma expressão de reconhecimento das raízes africanas, uma vez que o processo de formação da cidade de Monte do Carmo, no século XVIII, desencadeou o contato entre diferentes identidades, especialmente indígenas, africanas, afro-brasileiras e portuguesas.

Taieiras no território brasileiro: mulatas faceiras

Os versos a seguir compõem o poema intitulado *Versos das Tayêras e Congos (Sergipe)*, que podem ser localizados na obra *Cantos populares do Brasil*, do autor sergipano Silvio Romero (1954, p. 23):

*Virgem do Rosário
Senhora do norte,
Dá-me um coco água*

*Se não vou ao pote.
Ideré, rê, rê, ré,
Ai Jesus de Nazaré!...*

*Virgem do Rosário,
Soberana Maria,
Hoje este dia
É de nossa alegria.*

Estes versos, compostos por oito estrofes, são uma das curtas, no entanto, significativas, referências teóricas acerca da manifestação cultural das taieiras, registradas em Lagarto, Sergipe. Na introdução desta publicação, Romero destaca que “as taiêras são mulatas, vestidas de branco enfeitadas de fitas, que vão na procissão dançando e cantando com expressão especial e cor toda original” (ROMERO, 1954, p. 10).

Outra referência relativa às taierias encontra-se na obra *Artes e artistas em Portugal: contribuições para a história das artes e indústrias portuguesas*, publicada em 1892, pelo historiador português Sousa Viterbo. O autor destaca que Portugal transplantou às suas colônias, entre elas o Brasil, os seus tradicionais divertimentos. Entre as diversas manifestações mencionadas na publicação, Viterbo (1892, p. 264) faz referência às taieiras, relatando que se celebraram durante vários dias, com grande pompa o casamento da princesa do Brasil com o infante D. Pedro, no século XVIII, na Vila de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro na Capitania da Bahia:

Em 1760, na modesta villa de N. Senhora do Purificação e Santo Amaro, da comarca da Bahia, festejou-se com não menor ruído e aparato o casamento da princesa do Brasil com o infante D. Pedro. [...] Chegando aos paços do concelhos onde tomaram acento, fizeram-lhes salas os sôbas e mais mascaras de sua guarda **sahindo depois as Talheiras** e Quicumbis ao som dos instrumentos proprios do seu uso e rito. O Reinado dos congos parece ter agradado muito pois subiu mais duas vezes a publico nos dias 18 e 21.

Esta descrição parece ser a mais remota referência às taieiras em território brasileiro. O mesmo autor descreve ainda que o Rio de Janeiro não ficava atrás da Bahia em se tratando de divertimentos. Em 1761, o nascimento do príncipe da Beira foi proclamado com festas que se prolongaram por diversos dias em demonstração de regozijo. “Fogos de artificios, touros, cavalhadas, danças, banquetes, ópera, das talhaeiras, as das negrinhas pequenas, nada faltou para alegrar os fluminenses” (VITERBO, 1892, p. 265).

Ao descrever a Procissão de São Benedito, na cidade de Lagarto, Moraes Filho (1979, p. 73-5) fornece importantes informações sobre as taieiras:

De Nossa Senhora do Rosário o famoso séquito eram as taieiras. Esse grupo, encantador e original, compunha-se de faceiras e lindas mulatas, vestidas de saias brancas entremeadas de rendas, de camisas finíssimas e de elevado preço, deixando transparecer os seios morenos, buliçosos e lascivos. Um torço de cassa alvejava-lhes à frente trigueira, enfeitado de argolões de ouro e lacinhos de fitas, ao colo viam-se trêmulos colares de ouro; e grossos cordões do mesmo metal volteavam-lhes, com elegância e mimo, os dois antebraços, desde os punhos até o terço superior. E uma das taieiras, girando no ar a sua varinha enfeitada, acompanhando o andor, cantava: *Virgem do Rosário, Senhora do mundo... dê-me um coco d'água senão vou ao fundo...* [...] E adiantada seguia a procissão nas ruas da vila, vencendo o itinerário estabelecido, ao som da música e das canções populares, onde o elemento religioso confundia-se com o profano. [...] Ao anoitecer, a procissão se recolhia, havia *Te Deum*, a esplanada iluminava-se, e os ranchos de Congos e Taieiras dispersavam, indo dançar e cantar em algumas casas.

Cascudo (2001, p. 289), reportando-se a Sílvio Romero, refere-se a uma notícia de que em Lagarto, Sergipe, no século XIX, no dia de Reis, “celebra-se a Festa de São Benedito e apreciam-se então ali dois folguedos especiais, o dos congos, que é próprio dos negros, e o das taieiras, feito pelas mulatas”.

Outro autor, que sinaliza a presença das taieiras em solo brasileiro, é o folclorista alagoano Brandão (1961), na obra *Folguedos Natalinos de Alagoas*. Entretanto, talvez a obra que melhor descreva a manifestação das taieiras seja a da antrópologa e folclorista Beatriz Góis Dantas, *A Taieira de Sergipe: uma dança folclórica*, publicada em 1972. Suas análises são resultado de sua pesquisa de campo desenvolvida em três cidades do Estado de Sergipe¹. A autora descreve que em Laranjeiras “celebra-se a festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, cultuada pelas pessoas mais devotas [...] evidenciando no festejo da Taieira” (DANTAS, 1972, p. 19).

Taieiras em Monte do Carmo: vivências e performances afro-brasileira

Na cidade de Monte do Carmo, o grupo das taieiras é coordenado pela Rainha de Nossa Senhora do Rosário, que muda a cada ano. Nesta festividade a rainha configura-se em

¹ A pesquisadora desenvolveu a pesquisa de campo coletando dados em Laranjeiras (SE) no período compreendido entre novembro de 1969 e janeiro de 1970. As informações referentes à antiga taieira de Lagarto e São Cristovão (SE) foram colhidas em julho e agosto de 1971. (DANTAS, 1972, p. 13).

personagem principal, sendo a pessoa decisiva na organização do festejo, posto ser a mantenedora financeira do evento. A partir do momento em que a rainha assume a obrigatoriedade de ser “festeira”, torna-se igualmente responsável pela organização, que envolve todas as despesas, inclusive, as vestes e acessórios das taieiras.

Dantas (1972) salienta que o festejo das taieiras, em Laranjeiras, estava intimamente ligado à pessoa de sua organizadora, Bilina², que absorveu os encargos que no passado eram das rainhas³; o ritual das taieiras de Laranjeiras está intrinsecamente envolvido na louvação de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, vinculado ao terreiro nagô.

Com algumas diferenças em relação ao ritual das taieiras de Monte do Carmo, Dantas (1972, p. 20) descreve a manifestação cultural em Laranjeiras:

Quando a manhã já formada clareia a cidade, mocinhas com trajes coloridos e chapéus vistosos vão-se sobressaindo, enfeitando a rua da Cacimba e adjacências. São as taieiras convergindo para a modesta casa de Bilina, a organizadora do festejo, onde vão juntar-se às rainhas. [...] Pouco depois das oito horas, forma-se o cortejo. Duas filas de moças e crianças vestidas a caráter dançam e cantam ao som de um pequeno tambor tocado por uma rapazola e de querequeches⁴ sacudidos pelas próprias dançarinas. Na retaguarda seguem duas rainhas coroadas e amparadas por guarda sóis, cada uma conduzindo o cetro na mão direita. [...] Assim seguem dançando para a Igreja S. Benedito e N. S. do Rosário.

² Segundo Dantas (1972, p. 29) “a “cabeça da festa”, a preta Umbelina Araújo, ou simplesmente Bilina como era conhecida por todos, era descendente de africanos; sendo que quatro avós vieram da África. Nasceu em Laranjeiras, pouco depois de abolida a escravidão. Sua mãe, a negra Calu, era escrava urbana do tabelião Manuel Joaquim Araújo que a comprara para ama de leite do seu filho órfão recém-nascido. [...] Bilina não frequentou escolas, vivia sob a influência de sua avó nagô. A autora relata que a herança religiosa dos avós foi a fonte de renda segura que lhe permitiu viver sem preocupações econômicas, como dirigente do grupo de culto negro fundado pelos ancestrais nagôs. Seus trabalhos de magia e as ajudas dos numerosos filhos de santo, garantiram-lhe um padrão de vida superior ao da classe baixa local. Sua influência estendeu-se para além de Laranjeiras, a exemplo de Aracaju, onde residiam muitos dos seus filhos de santo que habitualmente frequentavam suas festas”. A autora acredita que foi sua atuação como mãe de santo que a habilitou a aproximar as duas tradições, reinterprestando certos elementos da dança da taieira, em termos do sistema de crenças afro-brasileiras e que lhe conferiu o *status* e o prestígio que gozava da sociedade local, garantindo-lhe o suporte necessário à realização do festejo folclórico. (1972, p. 29). De acordo com Hugo Leonardo Ribeiro (2003, p. 45), após o falecimento de Bilina, em meados dos anos de 1970, “Dona Lourdes” assumiu a tarefa de dar continuidade às taieiras, permanecendo até seu falecimento em outubro de 2002, a partir de quando assume Helena.

³ Dantas relata que em Laranjeiras, no passado eram as rainhas que ofereciam os banquetes às taieiras, todavia quando o empobrecimento da população local ameaçou fazer desaparecer as rainhas, devido em parte aos seus encargos econômicos, Bilina chamou a si a responsabilidade, respondendo pelas despesas com as vestes e a alimentação do grupo. (1972, p. 29).

⁴ Designação local de ganzá.



Taieiras e congos durante o cortejo do Rei e da Rainha de Nossa Senhora do Rosário em 18 de julho de 2009.

Foto: acervo da autora



Taieiras e congos no cortejo que levará o rei e a rainha até a igreja, em 18 de julho de 2008.

Foto: acervo da autora.

Ramos (2007, p. 68), autor de um detalhado estudo sobre as diversas manifestações da cultura popular brasileira, concebe os congos e as taieiras como fragmentos culturais de origem negra:

São congos e as taieiras, evidentemente fragmentações do antigo auto dos congos-cucumbis. Havia, na procissão, três negras vestidas de rainha, com seus mantos e coroas douradas, ladeadas de duas alas de congos, vestidos de branco e armados de espadas. De tempos em tempos, a procissão parava e as duas filas de negros congos se degladiavam, terçando espadas e disputando coroa da rainha principal, a quem chamavam Rainha Perpétua. Andores e irmandades completavam o séquito, destacando-se o andor de Nossa Senhora do Rosário, guardado pelas taieiras, grupo de mulatas graciosamente vestidas à baiana.

Normalmente os estudiosos se referem às taieiras como grupo de mulheres negras, a exemplo de Ramos. Em Monte do Carmo, a cor da pele constitui um dos critérios que influenciam decisivamente na escolha das taieiras, papel desempenhado pela rainha, visto que é ela que decide quais serão as mulheres que irão participar da sua festa, representando estas personagens. Embora muitas taieiras já possuam vaga assegurada no grupo, outras são estreates. Fora este critério, não existe restrição para ser taieira, desde que queira dançar e seja convidada pela rainha.

Taieiras: um ritual ressignificado

Em Monte do Carmo a manifestação cultural das taieiras foi recuperada em dezembro de 1978⁵. Naquela ocasião, a escolha para Rainha de Nossa Senhora do Rosário fugiu aos padrões estabelecidos pela tradição, devido ao esforço coletivo de moradores locais, que alegavam: “não podemos deixar a festa acabar, temos que manter a tradição dos antigos e para isso é necessário ter rainha”. A professora Sônia foi escolhida para ser a Rainha de Nossa Senhora do Rosário, devido ao fato de nenhuma candidata ter-se apresentado para aquele ano⁶. Ela narra com detalhes esse episódio, que recuperou uma performance para o cortejo da Rainha e do Rei de Nossa Senhora do Rosário. Afirma ainda que, sua escolha pegou-lhe de surpresa, pois estava em uma fazenda passando o final de semana com a família, quando chegaram várias pessoas com sanfonas e foguetes dizendo-lhe que ela tinha sido a escolhida para ser a Rainha de Nossa Senhora do Rosário; e não teve como dizer não. A formação religiosa fez com que visse nessa escolha um sinal ou uma graça divina, uma vez que em nenhum momento anterior havia pensado em ser rainha. Naquele momento não tinha sequer condições de pleitear algo nesse sentido, pois estava grávida de sete meses. A depoente relata o episódio, destacando o seu desejo em conhecer mais sobre os símbolos da festa, entre estes as taieiras:

Em 1979 eu fui escolhida para ser rainha porque aquele ano estava sem rainha. Quando foi no mês de dezembro a comunidade me elegeu para organizar a festa da rainha. Ai junto com meu esposo, o Lulu Pereira, a nossa família que nos ajudaram muito então nós abraçamos esta causa. Com isso eu comecei a fazer pesquisa para saber como que era a festa. Conversei com as pessoas mais velhas aqui da cidade. Nestas pesquisas o pessoal mais velho me falou das taieiras então eu fui atrás para saber mais sobre as taieiras, fui até Porto Nacional atrás de pessoas que moravam aqui antes para me orientar sobre como eram as taieiras, como eram as vestes, os cantos, as danças e a comunidade daqui [de Monte do Carmo] me ajudou muito a ensinar as danças. Inclusive as taieiras que participaram da minha festa foram aquelas mulheres idosas que conheciam mesmo a festa que foram nos ensinar como treinar, como fazer a roupa e a forma de dançar juntos com elas. Que foi a tia Júlia, a Aurora que já partiram, não está mais aqui com a gente e muitas pessoas aqui da comunidade que não

⁵ A festa realizou-se em julho de 1979.

⁶ Tradicionalmente no dia 18 de julho, dia da homenagem a Nossa Senhora do Rosário, era anunciado publicamente a rainha do ano seguinte. No entanto, naquele ano nenhuma rainha se candidatou e tendo em vista que já se aproximava o período da realização da festa, a comunidade, preocupada com tal situação, nomeou a professora Sônia para ser a rainha.

irei citar nomes para não correr o risco de deixar de falar nomes de pessoas importantes que nos ajudaram muito naquela época (PEREIRA, 2009).

Em sua narrativa fica evidente seu empenho em recuperar uma tradição ancestral, que tinha caído no esquecimento. Observa-se que foi efetivamente uma pesquisa compartilhada e um esforço para reaprender danças, cantos, performances e a forma de se vestir das antigas taieiras. A reincorporação do ritual das taieiras remete à Hobsbawm e Ranger (1997, p. 9), uma vez que esses autores se referem à “tradição inventada”, que consiste em práticas, de natureza ritual ou simbólica, que inculcam certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade com um passado histórico considerado apropriado.

Observa-se, ainda, nos relatos da Rainha de Nossa Senhora do Rosário, que a tarefa empreendida em prol da recuperação do ritual das taieiras foi, especialmente, embasada na fé:

Eu acho que foi uma graça muito grande que eu recebi. Tanto é que eu já tinha devoção a Nossa Senhora do Rosário, mas depois de ser rainha passei a ter mais ainda. Nós mudamos daqui da cidade de Monte do Carmo, mas todos os anos nós retornamos aqui durante os festejos reforçando nossa fé, pedindo a nossa Senhora para nos cobrir com seu manto. Nós recebemos uma graça tão grande, nós criamos nossos sete filhos estão todos formados, estão bem, com saúde. Isso significa uma graça divina para mim [...] (PEREIRA, 2009).

A crença na graça recebida e a afirmação do poder de devoção da festa são recorrentes. A depoente enfatiza que antes de ser “festeira” já era devota de Nossa Senhora do Rosário, fortalecendo-se, ainda mais, após ter sido rainha: “depois disso todos os anos nós retornamos aqui [a Monte do Carmo] durante os festejos reforçando nossa fé”.

A depoente ressalta que nas suas pesquisas não foi possível identificar o intervalo que permaneceu sem a realização do ritual das taieiras, embora suponha que foram muitos anos, pois as informantes na época disseram que se lembravam das taieiras quando eram ainda muito jovens⁷.

Um relato pontua a importância da memória de antigas participantes sobre o ritual das taieiras na ocasião em que a rainha Sônia contribuiu para a reintrodução desta manifestação cultural na Festa de Nossa Senhora do Rosário:

⁷ Sônia afirma que suas informantes tinham na época [em 1979] a faixa etária entre 70 e 80 anos.

[...] Não tinha taieira. Quando eu me conheci. Eu vi minha mãe falar que tinha taieira; ela contava que ela mesmo dançou taieira, mas aí acabou. Depois, quando a Sônia foi festeira teve uma senhora de idade que falou pra ela, contando como era, e falou que tinha uma mulher que dançou com ela, que era minha mãe. Aí ela [Sônia] veio aqui e procurou a minha mãe. Aí minha mãe contou pra ela tudo como era, contou os detalhes (SANTOS, 09/10/2008).

O ritual das taieiras significou a volta de uma manifestação esquecida, que muitos moradores locais não conheciam. E, a partir daquele momento, todos os anos as taieiras se apresentam durante os Festejos de Nossa Senhora do Rosário, recriando e dando continuidade ao passado histórico.

Para afiançar o ineditismo da festa sob o patrocínio da rainha Sônia e a novidade que ela teria reintroduzido, o depoimento a seguir destaca a inovação:

Quando eu comecei a dançar congo eu não conhecia negócio de taieiras. Eu não conhecia. Ai teve um festejo aqui de rainha de Sônia de Lulu Pereira. Aí é que veio taieiras. Eu não conhecia. Nessa época nós não tinha taieiras. Nem juvenzinho eu não conheci taieira. Não tinha não. Só depois que Sônia foi rainha é que começou taieiras (FERREIRA, 18/01/2009).

Segundo relatos colhidos entre as mulheres, ser taieira é uma forma singular de expressar devoção a Nossa Senhora do Rosário:

Eu acho tão bom ser taieira! Eu me sinto muito orgulhosa! Quando vai chegando perto de julho [...]. É bom demais quando a gente participa e vai chegando perto da festa. Parece que é o melhor momento quando a gente tá indo pra Igreja vestida naquela roupa. A gente sente tão feliz junto com aquelas pessoas que vão cumprindo promessa. Os milagres que Nossa Senhora do Rosário faz. [...]. Enquanto eu aguentar eu danço taieira. [...] Ser taieira pra mim eu acho que é mostrar a nossa cultura para os visitantes. Vamos supor: nós somos doze taieiras e doze congos, entre tudo dá vinte quatro. Esses vinte quatro usam roupas diferentes, tudo mais diferente dos que vem aqui ver a festa. Então ali nós estamos mostrando uma coisa diferente, porque cada lugar tem uma cultura. A nossa aqui é muito diferente [...]. A gente sempre fala pra não deixar acabar a nossa cultura de Monte do Carmo. Nós somos doze taieiras. Todo ano eu danço aqui. Faço representação, até em Teresina, Piauí nós já fomos fazer representação. E sempre nós somos muito aplaudidas [...] (OLIVEIRA, 12/04/2009).

A manifestação das taieiras de Monte do Carmo passou a ser uma prática social e cultural vivenciada também em outros espaços e contextos. A descrição que a depoente faz da importância de ser taieira é suscinta, porém, rica em valorização das referências identitárias locais, na medida em que considera que os visitantes terão a oportunidade de

conhecer a cultura dos carmelitanos, que no entender dela é distinta de outros lugares. Nota-se ainda que o mesmo orgulho foi sentido em outra parte do país, mencionando que as taieiras foram aplaudidas em Teresina, Piauí, ocasião em que participaram de um Festival de Cultura Popular, representando o estado do Tocantins⁸. O orgulho sentido pela depoente em conhecer e ser prestigiada em outras localidades demonstra aspectos significativos proporcionados pela festa, qual seja: a transgressão e a afirmação social, posto que normalmente o grupo é constituído de pessoas pertencentes à classe social de menor poder aquisitivo. A festa, como elemento formador da cultura, portanto, é carregada de símbolos e significados que permitem a transgressão das lógicas rotineiras. A mulher e o homem, no interior da festa, vivem momentos de diversão e oportunidades de prestígio social, interagindo, aprendendo, e se “libertando” – pelo menos temporariamente – de padrões de comportamento familiar e cotidianos, ao mesmo tempo em que incorporam padrões de comportamento de grupos sociais específicos presentes no âmbito da mesma.

É recorrente em alguns autores a tese do desaparecimento da manifestação das taieiras, sendo até mesmo considerada por alguns autores como extinta. Observa-se uma nostalgia quando Carneiro (2008, p. 20) salienta que “as taieiras são simples recordações”. Do mesmo modo, Andrade (2001, p. 69) pondera que “as danças dramáticas estão em plena, muito rápida decadência. Os Reizados de muitas partes já desapareceram. Desapareceram as Taieiras, os Quicumbres, os Meninos Índios”. Esta também é a posição de Araújo (2004, p. 83), ao assinalar que “há um processo evolutivo, dinâmico, transformando as manifestações coletivas do lazer popular. As danças tradicionais estão desaparecendo; de algumas, como as taieiras, só nos resta o nome”. Brandão (1961, p. 12) acredita que “talvez seja São Miguel dos Campos, na zona da mata de Alagoas, o último lugar no Brasil onde ainda se tenha realizado um antigo folguedo de mulatos – a Dança das Taieiras”. O estudo de Dantas (1972, p. 52-4) sobre as taieiras, feito nas cidades de Lagarto e São Cristóvão (SE), foi baseado nas informações de antigos participantes:

[...] Da taieira de Lagarto restam hoje as descrições, alguns dos antigos participantes e a esperança do seu organizador: ‘ainda tenciono fazer uma

⁸ As notícias sobre este acontecimento foram destacadas nos periódicos *Almanaque Cultural do Tocantins* (2002, p. 13) e *Jornal do Tocantins* (D’ANGELO, 2002, p. 1): “*I Encontro Folclórico Norte-Nordeste no Tocantins* traz hoje a cultura amazonense ao palco do Parque Cesamar, a partir das 19 horas, com o *Balé Folclórico da Amazônia*, de Belém do Pará. [...] Da cultura local, os visitantes do evento vão apreciar as manifestações arraianas com a *Roda de São Gonçalo*, nativitanas com a *Folia do Divino Espírito Santo* e os *Catireiros*, [...] além dos *Congos* e *Taieiras*, de Monte do Carmo”.

festa desta'. [...] a taieira de São Cristóvão era dançada por mulheres de idade, cerca de doze pretas e mulatas que saíam apenas na festa de Nossa Senhora do Rosário. Há cerca de trinta e cinco ou quarenta anos deixaram de se apresentar.

A autora atribui como fatores que contribuíram para o quase total desaparecimento das taieiras a perda da importância das associações religiosas no contexto do catolicismo e o desaparecimento das Irmandades do Rosário, seguidas de atitudes negativas por parte dos padres em relação às manifestações populares e tradicionais da religiosidade.

Observa-se que Lody (2006, p. 14) induz a uma possível diferenciação, particularmente esclarecedora, com relação ao processo de ressignificação do ritual das taieiras. O autor, ao refletir sobre religiões de matriz africana, destaca que as taieiras consistem em uma entre outras manifestações que vivem momentos de diferenciados revivalismos, por ações de intelectuais e de organizações comunitárias, que apoiam a construção de identificações e identidades afro-brasileiras.

Estudos mais recentes remetem novamente ao estado de Sergipe, mostrando que a manifestação das taieiras vem sendo revitalizada, evidenciando com isso que, o dinamismo da cultura popular favoreceu o seu ressurgimento. Este fato pode ser certificado na dissertação de mestrado intitulada *Etnomusicologia das Taieiras de Sergipe: uma tradição revista*, de Hugo Leonardo Ribeiro, defendida em 2003 pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia. Ribeiro (2003) focou sua pesquisa em cinco grupos de taieiras de diferentes localidades do estado de Sergipe. Dos cinco grupos pesquisados pelo autor, quatro foram recentemente recriados:

Conclui-se, a despeito dos vaticínios em contrário, que as Taieiras estão hoje mais vivas do que nunca. Os agouros de folcloristas das décadas de 50 a 70 não tomaram lugar. Atualmente confirmamos a existência de taieiras nos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Tocantins e um certo Maracatu das taieiras em São Paulo. A lista não é exaustiva e nada garante que não existam outros em outras localidades, cuja notícia não nos chegou. Mas, se inicialmente era possível relacionar as taieiras com Confrarias e Irmandades Católicas, nos dias atuais a conjuntura é outra, proporcionando novas razões de existência. O que anteriormente era um fazer recreativo ou de louvor, passou a ter nos dias atuais uma outra conotação. Pretextos sócio-econômicos aliam-se aos antigos motivos sacros e profanos. Surgiram novos contextos de apresentações, e com isso novos grupos (RIBEIRO, 2003, p. 102).

Esse é um aspecto que reforça o fato de que o ritual das taieiras, na cidade de Monte do Carmo, não se perdeu totalmente na experiência da transculturalidade, mas foi ressignificado nas experiências locais. As taieiras são, assim, o resultado contemporâneo de ritmos e sons reconstruídos ao longo do percurso histórico, configurando o que Hall (2000, p. 108) enfatiza “As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”.

Pelas ruas da cidade, no cortejo da Rainha e do Rei de Nossa Senhora do Rosário

No dia da missa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, nas primeiras horas da manhã, os congos, juntamente com as taieiras, vão ao encontro da rainha e o rei na Casa da Festa, para conduzi-los até a igreja. Como todas as demais etapas nas comemorações, esta também é revestida de um ritual seguido pelos participantes. Antes de se dirigirem à igreja, os congos e as taieiras tomam o café matinal, juntamente com os festeiros, como relata uma das participantes:

Nós arruma em uma casa aí nós vem buscar a rainha, toma café com ela e depois levamos para a Igreja. Quando chega na igreja nós entra junto com os congos e a rainha. Aí quando termina a missa, aí nós sai e chega na porta da igreja, antes da rainha descer os degraus da igreja nós canta a música pra ela. Aí nós afasta e os congos encosta e também cantam as músicas deles [...]. Aí vem cantando, vai lá, vem cá até chegar na Casa da Festa. Aí toma o café com bolo, licor, toca o tambor, dança tambor, aí o trem ferve aí até mais tarde [...] (OLIVEIRA, 2009).

No trajeto de ida à igreja, as taieiras não cantam, somente dançam acompanhando os congos. E na igreja durante a missa, o grupo das taieiras e o dos congos sentam-se nos primeiros bancos que lhes são reservados, enquanto que a rainha e o rei ocupam as cadeiras no altar, previamente ornamentadas.

Finda a celebração religiosa, os movimentos feitos por estas personagens são retomados à saída da igreja até a Casa da Festa. As taieiras cantam inicialmente quando a rainha e o rei saem da igreja, antes de descerem o adro. Os versos a seguir são entoados e repetidos pelas taieiras durante o cortejo, sempre ao som dos tambores:

*Alô, alô quem nos chamou
Rei e a rainha quem convidou* } Refrão

*Deus vos salve casa santa
Onde Deus fez a morada*

*Onde mora o cálix bento
E a hóstia consagrada*

*Sinhô padre vigário licença pedi
Na porta da igreja queremos diverti*

*Taieiras do porto foi quem nos guiou
Estrela do céu quem nos corou*

*Dançai taieira na porta do pé
Fazei cortesia ao senhor São José*

*Vamo senhor rei e minha rainha coroa de prata de Portugal
Vamo meu rei e minha rainha coroa de prata de Portugal
Vamo passear na rua festejar Senhora do Rosário
Vamo passear na rua festejar Senhora do Rosário*

*Lá no céu tem sete estrelas mais clara do que a lua
Nossa Senhora do Rosário tá passeando na rua*

*Sinhora do Rosário na igreja ficou
Ela ficou, deixa ficar
Para o ano que vem nós tornamo festejar*

*Sinhô rei de congo pode falar
Venceu a rainha em Portugal*

Ao longo do cortejo, nas evoluções das filas, as taieiras e os congos revezam-se durante a cantoria, ora avançando, ora recuando, em uma sincronia de canto e movimento. Igualmente como observou Dantas (1972), em Laranjeira e também em Monte do Carmo, muitas vezes, as evoluções das filas são prejudicadas pela exiguidade do espaço, uma vez que são preenchidos pelos participantes, além dos fotógrafos e profissionais da imprensa que normalmente cobrem o evento. De modo que se formam duas alas nas quais duas taieiras, conhecidas como guias, puxam a frente, cantando e as outras respondem em seguida também cantando.

Nos trechos do canto, chama à atenção a expressão: “coroa de prata de Portugal e rainha de Portugal”. Em Rios (2004, p. 30), encontro a explicação que se coaduna com o cunho religioso e a veneração à coroa, aos reis e à rainha, cuja matriz é o catolicismo negro de raiz banto:

A primeira evidência desta origem são as reminiscências da concepção africana de realeza. A aura de sacralidade era atributo intrínseco de toda

monarquia. Na África Centro-Occidental, o rei conservava funções do sacerdote e era visto como ser divino. Ele mantinha estreita ligação com o mundo dos ancestrais e era responsável pela abundância do reino e pela harmonia das comunidades que governava. Assim, a religião era fonte de poder, e este fonte de riqueza para o grupo. A divindade atribuída ao rei – ou rainha – comunicava-se com as insígnias do seu poder, a coroa especialmente, [...] É por isso que nos cantos de Reinado, são tão freqüentes, ao lado das invocações dos santos e dos pedidos de proteção, as homenagens aos reis e a veneração da coroa.

Souza (2002, p. 306) também argumenta que os versos cantados fazem referência aos fatos ligados à diáspora africana, mencionando-se lugares, como Angola, e a situações, como a travessia do Atlântico. A autora aponta que esses dados indicam que havia uma representação da história real nas danças e permitem a associação das taieiras, figuras simbólicas, a personagens da corte.

Segundo Dantas (1972, p. 60), não se pode negar o vínculo associativo da dança das taieiras ao Reinado dos Congos, associação que se acentua no Festejo de Nossa Senhora do Rosário, uma manifestação ressignificada, adaptada às novas condições socioeconômicas no Brasil. As taieiras tinham a função manifesta de abrilhantar o cortejo dos reis negros. Brandão (1961, p. 174) também pondera que os Reis de Congo seriam reinterpretações dos impérios portugueses e das *reinages* francesas, naturalmente com a convergência de tradições caras aos africanos.

O Reinado dos Congos difundiu-se no Brasil colonial, tendo, contudo, significado distinto para os dois grupos antagônicos em contato, negros e brancos. Para o negro, era uma estratégia de perpetuar instituições políticas da África, a monarquia; e para os brancos era um mecanismo mais sutil de dominar os escravos sem intervir diretamente para corrigi-lhes a conduta ou levá-los ao trabalho escravo, o que era feito por intermédio do rei, a quem os negros deviam obediência (DANTAS, 1972, p. 58).

Observando-se o ritual das taieiras em Monte do Carmo, percebe-se claramente a relação destas com a Rainha do Rosário, na medida em que vão, juntamente com os congos, buscá-la à Casa da Festa para acompanhá-la e cortejá-la até a igreja e vice-versa.

Algumas Considerações

O ritual das taieiras adquiriram ao longo do tempo especificidades que expressam como as práticas culturais de uma determinada sociedade são ressignificadas, ao mesmo

tempo em que possibilitam sociabilidades.

O registro do ritual das taieiras abre novas possibilidades de pesquisas que instigam a compreender historicamente as manifestações culturais construídas e reconstruídas por distintos atores sociais e épocas.

Observa-se que, por meio das festas a comunidade carmelitana consegue afirmar identidades marcadas pela fé e devoção. Aspectos aparentemente estigmatizantes associados à negritude podem, em algumas situações, converter-se em prestígio social, por isso, pode-se afirmar que a Festa de Nossa Senhora do Rosário favorece a valorização de marcas identitárias da comunidade, muitas vezes vistas como negativas em outro contexto social. Assim, é interessante observar como uma “tradição inventada” por uma elite branca, no período colonial, visando proporcionar, entre outras coisas, a conversão dos negros ao catolicismo, pôde ser reformulada e reinterpretada posteriormente por uma comunidade e passou a representar a identidade desta.

O ressurgimento do ritual das taieiras, outrora abandonado, expressa o modo como a festa está sujeita à incorporação e também exclusão de novos elementos, continuidades, descontinuidades, mutações, rupturas e ressignificações.

Fazer uma análise das Festividades de Nossa Senhora do Rosário, suas formas de sociabilidades, experiências e vivências de fé e devoção, consistiu em uma tentativa de compreender como as memórias tanto individuais quanto coletivas de outrora são recriadas no tempo presente. Assim, pode-se afirmar que as marcas e vivências dos carmelitanos são resultantes da herança de suas históricas festas religiosas populares, que remontam outros tempos e histórias.

Referências

Almanaque Tocantins de Cultura, Ano 4 nº 30, Maio de 2002.

ANDRADE, Mário de. *Danças dramáticas no Brasil*. (Org. Oneida Alvarenga). 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore nacional II: danças, recreação e música*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.

BRANDÃO, Théo. *Folgedos natalinos de Alagoas*. Maceió, 1961.

CARNEIRO, Edison. *Dinâmica do folclore*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

CASCUDO, Câmara Luis da. *Antologia do folclore brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Global, 2001.

D'ANGELO, Zuleide. Nossa Senhora do Rosário: um apego à fé dos carmelitanos. *Jornal do Tocantins*, Caderno Arte & Vida. Palmas, 11 de Outubro de 2002, p. 1.

DANTAS, Beatriz Góis. *A Taieira de Sergipe: uma dança folclórica*. Petrópolis: Vozes, 1972.

FERREIRA, Aristeu de Assis. Congo. Entrevista realizada em 18/01/2009.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 103-133.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LODY, Raul. *O povo do santo*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

MORAES FILHO, Mello. *Festas e tradições populares do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1979.

MESSIAS, Noeci Carvalho. *Religiosidade e devoção: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade, TO*. Tese (Doutorado em História). Goiânia: UFG, 2010.

OLIVEIRA, Rufina Souza de. Taieira. Entrevista realizada em 14/04/2009.

PEREIRA, Sônia Maria Almeida. Rainha de N. S. do Rosário/1978. Entrevista realizada em 19/01/2009.

RAMOS, Arthur. *O folclore negro do Brasil*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

RIBEIRO, Hugo Leonardo. *Etnomusicologia das Taieiras de Sergipe: uma tradição revista*. Dissertação (Mestrado em Música-Etnomusicologia). UFBA, Salvador, 2003.

ROMERO, Silvio. *Cantos populares do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1954. Tomo I.

SANTOS, Fausta J. dos. Rainha de N. S. do Rosário/1984 e Taieira. Entrevista realizada em 15/07/2008.

SOUZA, Marina de Mello. *Reis negros no Brasil escravagista: História da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

VITERBO, Sousa. *Artes e artistas em Portugal: contribuições para a história das artes e indústrias portuguesas*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1982.

